



ARTIGO



O corpo gay que vive com HIV: discursos, intersecções e resistências

José Augusto Simões de Miranda, *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar discursos de uma campanha sobre HIV, produzida pelo Ministério da Saúde, que envolvem participantes homens gays e que (con)vivem com HIV; compreender como essas identidades, ser gay e (con)viver com HIV, são representadas — isoladamente ou sobrepostas — nos discursos dos participantes; assim como discutir como os participantes reagem a essas identidades. Para que isso fosse possível, o estudo foi realizado seguindo uma metodologia de pesquisa qualitativa e os dados foram discutidos à luz da abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso, dos estudos *queer*, e da interseccionalidade. Os resultados demonstram que as identidades dos participantes são representadas sobrepostas, ou seja, há uma inter-relação — social e histórica — entre ser gay e viver com HIV. Vê-se também que os participantes reagem a essas identidades com resistência, ressignificando os discursos estigmatizantes que foram (re)produzidos ao longo dos mais de 40 anos de epidemia do HIV/Aids e que tentam associar e marginalizar as duas identidades sociais aqui analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Crítica do Discurso. Estudos queer. Gay. HIV. Interseccionalidade.

Palavras iniciais¹

No início da epidemia do hiv/aids², nos anos 1980, histórias violentas entre homens e a aids se disseminaram e borraram a barreira entre a identidade homossexual e a identidade de paciente com aids (Defert, 2021). Numa perspectiva simbólica, a epidemia foi uma grande ‘mancha’ na masculinidade hegemônica nos últimos 40 anos, pois estava ligada a práticas relacionadas à identidade homossexual (Caetano; Nascimento; Rodrigues; 2018). Os autores afirmam que, para ter seus direitos civis reconhecidos, a comunidade LGBTQIAPN+ teve que buscar visibilidade no espaço público e lutar por suas identidades, assim como negar discursos que identificavam seus membros como doentes, pecadores ou criminosos. Diferentemente dos dias atuais, essas vítimas, que em um primeiro momento viviam com hiv e mais tarde desenvolviam a aids, tinham seus corpos afetados e, como eram rapidamente associadas a práticas homossexuais, a expressão ‘peste gay’ foi observada em capas de jornais e em noticiários, que contribuíram para a reprodução de diferentes discursos discriminatórios, como os discursos homofóbico e sorofóbico (Brito; Rosa, 2021).

No que concerne à reprodução desses discursos, Sontag (2001) argumenta que diferentes metáforas foram relacionadas à epidemia do hiv/aids, associando pacientes a poluentes perigosos e invasores (como soldados em uma guerra que vêm para matar). Aqui se vê a criação de um estigma. Goffman (1982) argumenta que o estigma é um traço diferente – visto como negativo, tanto no aspecto físico do corpo, como na forma de pensar – atribuído a certas pessoas em relação a quem compõem os grupos dominantes, e há uma contaminação nas identidades sociais das pessoas estigmatizadas, tornando-as não dignas de respeito. O autor argumenta que grupos sociais podem ser afetados pelo estigma, e que as pessoas estigmatizadas são vistas como menos humanas, assim como os ‘normais’ constroem todo um repertório discursivo (às vezes com o escudo de pseudociências) para ‘explicar’ a ‘inferioridade’ de grupos estigmatizados e alertar sobre o perigo que eles

¹ Este artigo foi financiado pela agência brasileira de fomento "Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq" - Processo número 173444/2023-7.

² Ao longo do artigo usarei as siglas hiv (*human immunodeficiency virus*) e aids (*acquired immunodeficiency syndrome*) em letras minúsculas a fim de reestruturar um discurso hegemônico associado ao estigma que ele produz, assim como apoiar o ativismo que luta contra a sorofobia, que é o preconceito contra as pessoas que vivem com hiv.

representam para a sociedade, como deficientes, prisioneiros, alcoólatras, desempregados, depressivos, pessoas com comportamento político radical, entre outros.

Neste artigo, ressalto duas identidades sociais estigmatizadas: ser gay e (com)viver com hiv, que são investigadas de forma interseccional. O objetivo da pesquisa é analisar discursos de uma campanha sobre o hiv, produzida pelo Ministério da Saúde, que envolvem participantes homens gays³ e que (con)vivem com hiv⁴; compreender como essas identidades, ser gay e (con)viver com hiv, são representadas — isoladamente ou sobrepostas — nos discursos dos participantes; assim como discutir como os participantes reagem a essas identidades.

O estudo é realizado seguindo uma metodologia de pesquisa qualitativa e os dados são discutidos à luz da abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2010, 2019; van Dijk, 2020), dos estudos *queer* (Butler, 2004; Moita Lopes; Gonzales; Melo; Guimarães, 2022), e da interseccionalidade (Crenshaw, 1991, 2004; Collins, 2022).

O artigo está dividido em três grandes partes: o arcabouço teórico; a metodologia; e as análises e discussões. Após ter apresentado as palavras iniciais, a seguir, discuto o arcabouço teórico que a pesquisa se ancora.

Revisão de literatura

A análise do discurso é um termo guarda-chuva que apresenta diferentes abordagens teórico-metodológicas. Dentre essas abordagens, temos a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2010, 2019; van Dijk, 2020), um campo de estudos transdisciplinar que serve como arcabouço teórico para este estudo. Segundo Fairclough (2010), a transdisciplinaridade é uma forma de interdisciplinaridade, em que há a implicação de ‘diálogos’ entre disciplinas, teorias e estruturas para a análise de textos e discursos e, a partir desses diálogos, há a possibilidade de expandir a dimensão teórico-metodológica de diferentes campos do saber. O autor também argumenta que a Análise Crítica do

³ Na presente pesquisa uso o termo gay em vez de bissexual, pois nas passagens analisadas não há pistas textuais de que os participantes tenham se relacionado com mulheres.

⁴ Um dos participantes não vive com o vírus, mas convive, pois está numa relação sorodiferente com outro participante, motivo pelo qual eu recorro ao termo (con)viver.

Discurso (ACD) não é somente descritiva, mas também normativa, ou seja, a ACD tem como objetivo apontar problemas sociais em seus aspectos discursivos, assim como possíveis formas de mitigá-los ou corrigí-los. Desse modo, a relevância da pesquisa está em apontar, por meio das análises, problemas sociais decorrentes de pelo menos duas identidades sociais estigmatizadas — ser gay e (con)viver com hiv —, expandir a literatura da área, assim como contribuir com recursos (simbólicos) na busca por mudança social.

De acordo com Fairclough (2019), o conceito de discurso está relacionado ao uso da linguagem como prática social, não é uma mera atividade individual, mas reflete, representa e constrói relações sociais e por isso gera implicações — por exemplo, sujeitos sociais podem afetar vidas ao agir discursivamente no mundo. Por meio do discurso surgem possibilidades que variam desde a tentativa de ‘normalização’ de discursos discriminatórios por grupos sociais dominantes, em que relações assimétricas de poder entram em cena e afetam grupos marginalizados — no contexto desta pesquisa ser gay e (con)viver com hiv —, até as resistências a essa(s) tentativa(s) e à capacidade de mudança e transformação social. Desse modo, Fairclough apresenta duas possibilidades da constituição de práticas discursivas: convencional e criativa. Para o autor, ao constituir práticas discursivas de forma convencional, grupos sociais contribuem para a ‘reprodução (desigual) da sociedade’ (mantendo o *status quo*) e a manutenção de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimentos, crenças e valores — que afetam grupos marginalizados, como pretos, pobres, mulheres, a comunidade LGBTQIAPN+ e pessoas que vivem com hiv, por exemplo. No que concerne à constituição de práticas discursivas de forma criativa, o autor discute a possibilidade de sujeitos contribuírem para mudança e transformação social, por meio de diferentes formas de transgressão, em que há desarticulações e rearticulações discursivas a partir de convenções existentes.

Para as análises das práticas discursivas e sociais, recorri às categorias analíticas de Contexto desenvolvidas por van Dijk (2020). O autor propõe um esquema de modelo de contexto que é dividido em: Ambiente: Tempo/Período, Espaço/Lugar/Entorno; Participantes; O Eu-mesmo: papéis comunicativos (estrutura de participação), tipos de papéis sociais, ser membro de um grupo ou identidades; relações entre os participantes (por exemplo, poder, amizade); crença e conhecimentos

compartilhados e sociais; intenções e objetivos; e atitudes sociais aplicadas e ideologias.

É importante ressaltar que a ACD está interessada na investigação de identidades sociais, que são ‘modos de ser’ de atores sociais. A posição epistemológica da ACD é convergente com as discussões contemporâneas de interseccionalidade, já que ambas pertencem às teorias críticas. Ao pensarmos em teorias sociais críticas, há algumas questões que são centrais nas discussões que permeiam essas teorias, como desigualdade social, problemas sociais, ordem social, justiça social e mudança social (Collins, 2022). Para a autora, a interseccionalidade é uma teoria social crítica em construção e um projeto, tanto intelectual como político, em que diversos agentes sociais participam de forma colaborativa. Nesse sentido, Collins argumenta que a interseccionalidade é capaz de abordar problemas sociais contemporâneos, assim como sua reparação, e tem a heterogeneidade como uma grande aliada.

Quando falamos em uma proposta heterogênea e plural, também podemos pensar em categorias de identidade social, como gênero, raça, classe, sexualidade, etnia, idade, marcadores de saúde, entre outros, que se articulam como fenômenos globais em sociedades capitalistas avançadas. Desse modo, vemos projetos globais e neoliberais que estão interessados em acentuar cada vez mais desigualdades sociais, assim como dificultar a justiça e mudança social. Nesses projetos, relações assimétricas de poder também são acentuadas e categorias de identidades sociais são mais ou menos valorizadas. Por exemplo, dentro de grupos sociais marginalizados, como a comunidade LGBTQIAPN+, se olharmos a partir de uma perspectiva interseccional, veremos que há diferenças entre categorias de identidade social que são mais ou menos estigmatizadas.

Para Crenshaw (2004), nem sempre devemos lidar com grupos distintos de pessoas, mas com grupos sobrepostos, de modo que diferentes categorias de discriminação não sejam vistas isoladamente — no contexto da presente pesquisa, ser gay e viver com hiv. Assim, a autora argumenta: “[...] Precisamos, portanto, identificar melhor o que acontece quando diversas formas de discriminação se combinam e afetam as vidas de determinadas pessoas. [...] Esses são os sulcos profundos que podem ser observados em qualquer sociedade pelos quais o poder flui” (p.11). Desse modo, “a interseccionalidade pode ser mais amplamente útil como forma de mediar a tensão entre as afirmações de identidades múltiplas e a necessidade contínua de políticas de grupo” (Crenshaw, 1991, p. 1296, minha tradução).

Com relação ao movimento *queer* que surgiu nos Estados Unidos na década de 1980, Lima (2021) argumenta que houve uma aposta política organizada de pelo menos duas formas: primeiro, a multidão *queer* denunciou a sociedade cis-heteronormativa, que — com a ascensão da epidemia do hiv/aids — considerava dispensáveis aqueles corpos que não se enquadravam nos padrões hegemônicos sexuais; em segundo lugar, a multidão *queer* também criticou uma parte da comunidade gay que seguia os ideais do capitalismo estadunidense, deixando de lado questões de gênero e sexualidade para pertencer a grupos sociais heteronormativos — compostos por pessoas brancas e de uma classe social privilegiada, por exemplo. O autor também afirma que cada vez mais homens gays brancos e de classe média alta com empregos respeitáveis acreditavam pertencer à sociedade cis-heteronormativa, que inicialmente criticaram, porém, a epidemia do hiv/aids os lembrou que se tratava de uma inclusão social ilusória e ainda eram considerados aberrações; além disso, essa pseudo inclusão deixou de lado um conjunto de corpos que não se enquadravam nesse novo padrão, como pessoas transsexuais, travestis, lésbicas, homens pretos gays, entre outros.

Se recorrermos aos estudos *queer*, também veremos um realce com relação às performances identitárias em detrimento da manutenção de poder que grupos dominantes detêm. Por exemplo, o uso do termo ‘negatividade *queer*’, proposto por estudiosos da área, problematiza a idealização e a normalização de discussões e lutas LGBTQIAPN+ interessadas em atender aos interesses da ordem política e econômica neoliberal contemporânea (Moita Lopes, 2022).

Desse modo, a política e os estudos *queer* se mostram fazer parte de um viés crítico que problematiza desde a configuração heterossexual normativa e dominante, que exclui corpos dissidentes tornando-os ‘menos/não humanos’ e os lançam a um lugar de abjeção (Butler, 2004) até diferentes ideais da comunidade LGBTQIAPN+, que estão relacionadas a essa configuração e atravessam o campo estético, psicológico (de felicidade), da saúde, de comportamentos, de relacionamentos e que se estendem ao vestuário e outras materialidades produzidas por sociedades capitalistas avançadas. Configuração e ideais que excluem corpos que não se encaixam nesses padrões, como ser gay e (con)viver com hiv, que é analisado na presente pesquisa.

Após apresentar o arcabouço teórico, na próxima seção apresento a proposta metodológica.

Acordos metodológicos

Ao visitarmos o site do Ministério da Saúde, no ‘Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais’, é possível observar uma linha de tempo com campanhas, que começaram em 1998 e foram produzidas até o ano de 2022, totalizando 102 campanhas com diferentes propósitos e temas, a maioria delas focada em prevenção. Há apenas onze campanhas que envolvem pessoas que (con)vivem com hiv, trazendo seus desafios e realidades. Uma dessas campanhas, chamada ‘Campanha Indetectável’, foi produzida em 2018, há participantes que dão seus depoimentos, por meio de vídeos transmitidos no *YouTube*⁵, e tem como foco enfatizar a indetectabilidade do vírus em pessoas que vivem com hiv e recebem tratamento. Na presente pesquisa, analiso os discursos de quatro participantes — que são homens gays — dessa campanha.

Os critérios de seleção dos dados estão relacionados com o grupo social que propus analisar — participantes homens gays e que (con)vivem com hiv. Como explicado anteriormente, o objetivo da pesquisa é analisar discursos de uma campanha sobre hiv, produzida pelo Ministério da Saúde, que envolvem participantes homens gays e que (con)vivem com hiv; compreender como essas identidades, ser gay e (con)viver com hiv, são representadas — isoladamente ou sobrepostas — nos discursos dos participantes; assim como discutir como os participantes reagem a essas identidades.

Para as análises, que foram transcritas, selecionei as passagens em que os participantes deixaram claro serem gays e que pudessem atingir meu objetivo. Como afirmado anteriormente, recorri a uma metodologia de pesquisa qualitativa e os dados foram discutidos à luz da perspectiva teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2010, 2019; van Dijk, 2020), dos estudos *queer* (Butler, 2004; Moita Lopes; Gonzales; Melo; Guimarães, 2022), e da interseccionalidade (Crenshaw, 1991, 2004; Collins, 2022). Para a análise textual, sempre que possível, recorri a elementos léxico-gramaticais; para a análise das práticas discursivas e sociais, usei a categoria analítica de Contexto, assim como os estudos *queer* e a interseccionalidade. Devido às escolhas teórico-analíticas previamente delimitadas, no presente estudo, que é

⁵ Os vídeos estão disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/@dstaidshv>.

provindo de um projeto de pós-doutoramento, levei em consideração apenas textos verbais.

Após descrever a metodologia, na próxima seção, apresento as análises e discussões.

Análises e discussões

Como explicado anteriormente, nesta seção analiso os discursos de quatro participantes — Participantes 1 a 4 — que (con)vivem com hiv e são apresentados a seguir.

Participante 1: Geovanni

Isso foi legal porque até nos meus aplicativos de relacionamento, eu tinha liberdade de falar que eu era soropositivo. Só que eu senti que, mesmo assim, as pessoas começaram a vir falar comigo pelos aplicativos, mas não por quererem se relacionar comigo. Elas queriam tirar informação, porque na verdade muita gente que convive com hiv, infelizmente, também, muita gente se esconde, porque tem medo do preconceito. E eu pensava: agora não vou mais arrumar ninguém, né? Mas foi bem pelo contrário, assim. Foi quando eu conheci o Jeandro, que quebrou essa barreira dentro de mim. Eu tinha um preconceito. A gente mesmo tem um preconceito: “ah, porque eu tô assim, ninguém vai me querer mais, né?”

Na passagem acima, o participante mostra sua experiência com aplicativos de relacionamento. Com relação à categoria *tipos de papéis sociais, ser membro de um grupo ou identidades*, o participante mostra ser gay por procurar uma pessoa do mesmo sexo para se relacionar. De acordo com a categoria *lugar*, vê-se que ele está em um lugar específico — aplicativos de relacionamento. Ainda, a partir dessas categorias, há outras pessoas com quem o participante interagia que têm os mesmos tipos de papéis sociais — buscam relações com pessoas do mesmo sexo — e que estão no mesmo lugar — aplicativos de relacionamento. No contexto desta passagem também temos a categoria *intenções*. Embora as intenções possam divergir entre os participantes dos aplicativos, como ‘apenas sexo’, possíveis relacionamentos amorosos, amizade, encontros casuais etc., vê-se que as intenções estão associadas às outras duas categorias: a busca por um tipo de papel social específico (no caso do participante, outros homens) em um lugar específico (aplicativos de relacionamento).

Quando o participante afirma “Só que eu senti que, mesmo assim, as pessoas começaram a vir falar comigo pelos aplicativos, mas não por quererem se relacionar comigo. Elas queriam tirar informação, porque na verdade muita gente que convive com hiv”, vemos a presença da conjunção adversativa ‘mas’ e nos mostra que, embora pessoas o procuravam sabendo que ele vive com hiv, esse ‘interesse’ se dava meramente por uma intenção de caráter informativo, o que foge das possibilidades elencadas acima da categoria intenção comumente vistas em aplicativos de relacionamentos.

Aqui também vemos atitudes sociais aplicadas e ideologias, uma vez que, enquanto as categorias lugar (aplicativos de relacionamento), papéis sociais (ser gay) e intenção são relativamente comuns em aplicativos de relacionamento, vê-se que a interação de outras pessoas com o participante desta campanha diverge de forma significativa na categoria intenção — que é de caráter meramente informativo. Neste sentido, outro papel social identificado entra em cena e se torna protagonista — que é o viver com hiv. Ser membro desta identidade gera atitudes sociais aplicadas e ideologias provindas do início da epidemia do hiv/aids. Como demonstra o participante da campanha, apesar dessas pessoas se interessarem pelo tema hiv/aids, descartam quaisquer tipos de relação/relacionamento (sexual, romântico etc.) com ele.

Com relação às atitudes sociais aplicadas e ideologias acerca de um grupo social específico, em nosso contexto, pessoas que vivem com hiv (PVHIV), vemos que há a ‘contaminação’ de identidades sociais, quando o estigma entra em cena. Dito de outro modo, PVHIV devem ter uma contrapartida a oferecer, a fim de compensar sua ‘inferioridade’ social, como sua ‘utilidade’, aqui demonstrado pelo caráter informativo, ou em outros contextos, poder de compra, por exemplo. Quem deixa de atender a estes padrões socialmente estabelecidos, logo são vistos como menos humanos e colocados em um lugar de abjeção, quando o estigma é intensificado. Por mais que essas pessoas soubessem que quem vive com hiv e está indetectável por pelo menos seis meses não transmite mais o vírus (Brasil, 2019), há outras questões que vão além dos aspectos biomédicos, como a questão social e discursiva. Neste sentido, grupos e estruturas sociais diversas entram em cena — família, educação, crenças, valores, trabalho, amigos/as etc. — fazendo com que a manutenção de determinados discursos sejam atendidas. Em outros termos, o estigma é uma ‘mancha’ social (Goffman, 1982) que se prolifera com o intuito de fechar os canais de contestação e desarticulação discursivas, como foram

demonstrados por essas pessoas que interagem com o participante da campanha.

Quando o participante afirma “mas foi bem pelo contrário, assim. Foi quando eu conheci o Jeandro, que quebrou essa barreira dentro de mim. Eu tinha um preconceito [...] ‘ah, porque eu tô assim, ninguém vai me querer mais, né?’”, vê-se que ele conseguiu se libertar de uma identidade essencializante — que o estigmatizava — e escapar de padrões — aqui relacionados à saúde, por exemplo — de uma parte da comunidade gay que a política *queer* tanto criticou quando a epidemia do hiv/aids teve seu início (Lima, 2021). Aqui também podemos pensar na força da interseccionalidade. Por exemplo, embora outras pessoas procuravam o participante meramente com o intuito de se informar, como ele mesmo afirma, ele não se sentia desconfortável em falar abertamente sobre viver com hiv. Como discutido anteriormente, a comunidade LGBTQIAPN+ (naquela época o hiv/aids era mais especificamente atribuído a homens gays) foi fortemente afetada pela epidemia, não apenas no aspecto biomédico com a infecção do vírus, mas no aspecto social. Assim, como afirma Defert (2021), a identidade homossexual e a identidade do paciente com aids — ou de PVHIV— foram e ainda estão inter-relacionadas. Portanto, é essencial que esses grupos sociais unam forças, de forma interseccional, para lutar contra estigmas, e resistam a qualquer tentativa de ‘inferioridade’ social, assim como assumam posturas éticas na luta contra o preconceito e a discriminação da comunidade LGBTQIAPN+ e de PVHIV.

Participante 2: Jeandro⁶:

E o fato do Geovanni estar com a carga viral indetectável, além dele tá cuidando da saúde dele, ele tá cuidando da saúde do nosso relacionamento. É por ele, por mim e por nós.

Nesta passagem, recorro à categoria de contexto *tempo/período* em que o participante apresenta a indetectabilidade do vírus hiv como uma condição *sine qua non* para o cuidado. Dito de outro modo, a passagem indica que o tempo para tornar-se indetectável e o período de

⁶ Este é o único participante que não vive com hiv. Mas como ele mantém um relacionamento (estável) com uma pessoa que vive com o vírus e é participante da campanha, achei relevante apresentar seu depoimento. Ademais, ele convive com hiv e enxerga os desafios que uma pessoa próxima que vive com hiv enfrenta.

indetectabilidade são cruciais para a saúde de seu companheiro e do relacionamento de ambos. Outra categoria de contexto recorrida para a passagem é *O Eu-mesmo*. Dentro desta categoria vemos o *papel comunicativo* do participante, que, neste contexto, é alguém que está em um relacionamento sorodiferente apresentando os benefícios da indetectabilidade do vírus hiv; o *tipo de papel social*, que aqui, além do participante não viver com hiv, há uma identidade dissidente em termos de orientação sexual; com relação às *relações entre os participantes*, vê-se que o participante está em um relacionamento romântico com alguém do mesmo sexo e que vive com hiv; e sobre as *crenças e conhecimentos compartilhados e sociais*, é possível perceber que, em função do participante ser gay, estar em um relacionamento com alguém que vive com hiv, e dar um depoimento público que o torna próximo de pelo menos duas identidades sociais estigmatizadas — ser gay e conviver com hiv —, suas crenças e conhecimentos compartilhados e sociais se mostram no campo progressista-libertário.

A possibilidade de PVHIV tornarem-se indetectáveis é um enorme avanço na ciência. No entanto, isto não deve ser defendido como uma forma de ‘compensação’ para a ‘inferioridade’ social a que esse grupo foi/é atribuído ao longo da história da epidemia do hiv/aids, tampouco PVHIV não devem ser colocadas em uma posição de agentes responsáveis, de forma isolada, por uma questão social, coletiva e política. Por exemplo, quando o participante afirma “além dele tá cuidando da saúde dele, ele tá cuidando da saúde do nosso relacionamento”, vemos uma responsabilização em cima de PVHIV e uma isenção de responsabilidade de quem não vive com o vírus. A responsabilidade da saúde de um relacionamento é de todas as pessoas que fazem parte dele. Apesar de o participante se mostrar pertencer ao campo progressista-libertário, vemos que ele reproduz um discurso sedimentado em nossa sociedade, mesmo que de forma não consciente, que responsabiliza — e culpa — PVHIV pela saúde de outras pessoas. Isso remete ao que Sontag (2001) desenvolve como metáforas, relacionando a epidemia do hiv/aids a uma guerra, onde PVHIV são invasores (como soldados em uma guerra) que vêm — ou podem, como no presente contexto — ‘destruir’ pessoas. Essa metáfora está ligada à produção e ao desenvolvimento de um enraizado estigma que surgiu no início da epidemia e se mantém até os dias atuais, quando PVHIV têm suas identidades sociais ‘contaminadas’ e são protagonistas e agentes isolados na responsabilização e culpabilização de binarismos como

saúde/doença, felicidade/infelicidade, vida/morte de outras pessoas, por exemplo.

Desse modo, pelo fato do hiv ser frequentemente relacionado à comunidade LGBTQIAPN+ ao longo de mais de quatro décadas de epidemia, intensificando a produção de estigma de duas identidades sociais marginalizadas — em nosso contexto, ser gay e viver com hiv —, é necessário resistirmos à reprodução de ‘armadilhas discursivas’. Ainda, como discutido anteriormente, os estudos *queer*, que problematizam identidades sociais essencializantes, oferecem ferramentas para que construamos uma força política, intelectual e estratégica na luta pela defesa de grupos dissidentes que tiveram suas identidades marginalizadas ao longo da história. Também vemos a interseccionalidade como uma aliada e possível solução para fortalecer essas identidades marginalizadas, sem isolá-las, quando esses grupos têm a oportunidade de se unir e atravessar categorias de identidade social (Collins, 2022) que as reduz e as coloca em um lugar de abjeção.

Participante 3: Leonardo

Eu vim de uma cidade pequena do Rio Grande do Sul, interior, na fronteira oeste, chamada Uruguaiana e sofrendo bullying pela minha sexualidade todo tempo. E depois dos 30 anos, eu me descobri soropositivo. Consegui sair do armário lá pelos 27 anos e de repente nos 30 me vi dentro de um outro armário. E eu achei que eu não ia conseguir suportar isso mais. Então eu decidi que eu tinha que abrir essa porta.

Esta passagem é caracterizada por um participante que apresenta outro *lugar e tempo* que viveu e experimentou. O lugar e o tempo estão relacionados ao *tipo de papel social* do participante — ser gay. Por exemplo, o participante foi vítima de *bullying* por ser gay e morar em uma cidade pequena no Brasil décadas atrás. Portanto, o lugar (uma cidade pequena), o tempo (décadas atrás) e o tipo de papel social (ser gay) se relacionam com a produção de violências da qual o participante foi vítima — seja física ou no nível do discurso.

É importante ressaltar que isso não significa que no tempo presente crianças não sofram lgbtfobia em escolas, uma vez que ainda vemos muitas violências, por exemplo, o Brasil é o país que mais mata a população LGBTQIAPN+ no mundo (Grupo Gay da Bahia, 2022). No entanto, tivemos avanços significativos na contemporaneidade, em que

redes de resistência foram protagonistas — por exemplo, em 28/09/1969 houve a Rebelião de Stonewall, servindo de base para o movimento LGBTQIAPN+ no mundo inteiro, quando foi criado, o que chamamos hoje de o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+. Anos mais tarde, como mostrado anteriormente, com o início da epidemia do hiv/aids, a multidão *queer* ‘renovou’ essas lutas, quando fizeram críticas a esses movimentos por estarem associados ao capitalismo neoliberal e, desse modo, deixarem de lado outros grupos que não tinham o mesmo poder de compra (o *pink money*), como pessoas transsexuais, pretas e periféricas, por exemplo. Mais tarde, no início dos anos 1990, a interseccionalidade foi cunhada pela primeira vez e, posteriormente, aprimorada e desenvolvida como uma teoria social crítica em construção (Collins, 2022) e um enorme projeto intelectual, político e ético que busca a justiça e mudança social. Assim, tivemos lutas e avanços que incluem diferentes esferas da sociedade, como a jurídica e a política. Portanto, diferentemente de décadas atrás quando redes de resistência políticas e intelectuais estavam sendo articuladas ou acontecendo, hoje já vemos alguns resultados — de forma mais consolidada — dessas lutas.

Na sequência, quando o participante afirma que descobriu que vive com hiv depois dos 30 anos de idade, ele mostra outro tipo de papel social — ser membro de um (novo) grupo e de uma (nova) identidade, que é viver com hiv. Como discutido anteriormente, ambas as identidades — ser gay e (con)viver com hiv — são socialmente estigmatizadas em nossas sociedades, motivo pelo qual o participante fala em ‘dois armários’. Neste contexto, vê-se que não se trata da defesa de ‘identidades essencializantes’. A própria sociedade, composta por grupos sociais hegemônicos e conservadores, que essencializou e estigmatizou essas identidades. O participante apenas se viu vítima de um repertório discursivo cristalizado, que o ‘obrigou’ a se enclausurar em um armário e, posteriormente, ressignificou essas identidades quando afirma: “então eu decidi que eu tinha que abrir essa porta”. A partir disso, o participante também se mostra no campo progressista-libertário com relação às *crenças e conhecimentos compartilhados e sociais*.

Com relação às suas *intenções*, vê-se que o participante dá seu depoimento publicamente em uma campanha produzida pelo Ministério da Saúde, em que duas identidades sociais estigmatizadas são reveladas, havendo uma resistência a uma ordem social que tenta ditar o que deve ou não ser dito e mostrado, e associar a abjeção com corpos que tiveram suas identidades sociais estigmatizadas.

Participante 4: Américo

Descobri minha sorologia, em 1988 e de uma maneira muito inesperada. Estava a caminho do trabalho – na época eu trabalhava com decoração de interiores e vitrinista também – e resolvi passar numa unidade de saúde pra fazer o exame. Porque até então eu tinha um companheiro e alguns amigos dele estavam falecendo de aids na época. E quando eu recebi o resultado, foi sentença de morte. A morte social, porque falar do diagnóstico, obviamente, eu teria que falar sobre a minha orientação sexual também.

Nesta passagem, o participante — que se mostra gay e viver com hiv — fala sobre *relações* — neste contexto, romântica/amorosa — que experimentava na década em que a epidemia do hiv/aids teve seu início no mundo. Aqui temos um *tempo/período* definido (ano de 1988, primeira década da epidemia) e um *lugar* (o mundo). A passagem “porque até então eu tinha um companheiro e alguns amigos dele estavam falecendo de aids na época” pressupõe que ele e seu companheiro não ficaram mais juntos após a descoberta de seu diagnóstico, uma vez que a locução ‘até então’ é uma expressão temporal que se inicia com um advérbio de tempo (até), indicando que o relacionamento não durou após aquele momento. Desse modo, como o próprio participante afirma — “e quando eu recebi o resultado, foi sentença de morte” —, vê-se que o diagnóstico do vírus hiv era uma notícia tão alarmante que resultou no término de um relacionamento.

Quando o participante fala sobre “a morte social, porque falar do diagnóstico, obviamente, eu teria que falar sobre a minha orientação sexual também”, vemos dois *tipos de papéis sociais* que estão inter-relacionados — ser gay e viver com hiv. O termo ‘morte social’ recorrido pelo participante remete a discursos conservadores, homofóbicos e sorofóbicos provindos de uma ordem social sedimentada e preconceituosa. No entanto, o participante resistiu a essa ordem social e, como afirma Fairclough (2019), desarticulou esses discursos e rearticulou novos discursos com seu depoimento, ressignificando estigmas de identidades sociais atribuídas a ele, mostrando-se socialmente vivo, assim como demonstrando suas *crenças e conhecimentos compartilhados e sociais* pertencentes ao campo progressista-libertário.

A morte social é uma potente barreira no processo de mudança e transformação social. Nesse término de vida, podemos elencar várias

identidades sociais que foram ‘contaminadas’ (Goffman,1982) ao longo da história em sociedades capitalistas avançadas, como deficientes, prisioneiros, alcoólatras, desempregados, depressivos, população LGBTQIAPN+, pessoas que vivem com hiv etc. Ainda, diversos grupos sociais — que tiveram identidades sociais estigmatizadas — foram exterminados, como vimos na Segunda Guerra Mundial e em diferentes regimes ditatoriais, por exemplo. No entanto, em função de diversos fatores que incluem os direitos humanos, a esfera jurídica, redes de resistências e ativismos, a volta da democracia (ainda que frágil) em muitas nações, mudanças sociais foram observadas, como a criminalização de diferentes tipos de preconceitos e discriminação.

Argumento que essas mudanças protegem grupos sociais marginalizados até certo ponto, como casos explícitos de violência física e/ou verbal, por exemplo. Entretanto, outras formas de violência ainda são constantemente produzidas, quando o discurso opera habilmente como protagonista. Por exemplo, como afirma Fairclough (2019), as ideologias funcionam de forma mais eficiente quando passam despercebidas pelo senso comum. A naturalização de ideologias que produzem diferentes tipos de violências ainda é frequentemente recorrida no nível do discurso. Dito de outro modo, a morte social da comunidade LGBTQIAPN+ e de pessoas que vivem com hiv ainda acontece, mas pode ser de forma mais sutil e podem escapar aqueles que se alinham as práticas discursivas e ideologias de sociedades capitalistas avançadas, por exemplo.

No entanto, como afirma Foucault (2020, p. 104), “onde há poder, há resistências”. Na presente pesquisa tivemos algumas aliadas: a Análise Crítica do Discurso, abordagem teórico-metodológica transdisciplinar que nasceu com o compromisso de lutar por injustiças sociais; a interseccionalidade como uma teoria social crítica em construção e um projeto político, intelectual e ético; e a política/estudos *queer* como movimentos primordiais de resistências de grupos sociais marginalizados que não se alinham às exigências de grupos sociais hegemônicos que tentam condicionar ‘estar vivo socialmente’ ao seu poder socioeconômico e/ou outras demandas de sociedades neoliberais. Aliadas essas que podem — e devem — cada vez mais sair dos muros da academia e se estender a outras esferas da sociedade.

Ainda, no presente estudo, vimos regularidades que predominam entre os participantes nas categorias analíticas de Contexto, como: i) *tipos de papéis sociais, ser membro de um grupo ou identidades*, que demonstraram a representação dessas identidades de forma sobrepostas,

ou seja, há uma inter-relação, direta ou indiretamente, entre ser gay e (con)viver com hiv. Por exemplo, o primeiro participante relatou uma ‘condescendência’ de outras pessoas com o seu diagnóstico em aplicativos de relacionamento, deixando o participante confortável para falar sobre o tema hiv/aids, assim como também conheceu uma pessoa do mesmo sexo, que é o segundo participante, com quem mantém um relacionamento (estável) e sorodiferente. O terceiro participante falou sobre a dificuldade de sair de dois armários — que se inter-relacionam ao longo da história da epidemia do hiv/aids. E o quarto participante afirmou, de forma direta, que falar sobre viver com hiv era falar sobre sua orientação sexual; ii) *crenças e conhecimentos compartilhados e sociais*: vimos que, de modo geral, os participantes se inserem no campo progressista-libertário. Defert (2021) argumenta que [no início da epidemia] pessoas apoiavam pacientes com aids principalmente quando compartilhavam os mesmos sistemas de crenças e valores. Na presente pesquisa estamos falando em ser gay e (con)viver com hiv, mas que coincidem com sistemas de crenças e valores semelhantes. Portanto, percebemos que os quatro participantes demonstram resistir a uma ordem social que tenta ditar o que deve ou não falar, o que deve ou não saber, o que deve ou não sentir.

Palavras (nunca) finais

O que primeiro motivou-me a escrever este artigo foi a longa e conturbada história entre a epidemia do hiv/aids e a população LGBTQIAPN+. Histórias essas que tiveram mortes literais — especialmente no início da epidemia devido à falta de medicação — e mortes simbólicas — como a produção do estigma que desencadeou diferentes tipos de preconceito e discriminação. Apesar de diversos avanços e conquistas que os dois grupos sociais marginalizados — ser gay e (con)viver com hiv — ressaltados ao longo do artigo tiveram, observados na área jurídica — com o protecionismo legal, como criminalização da homofobia e sorofobia — e política — parlamentares defendendo o interesse e direitos desses grupos sociais; ainda vemos outras formas de violência que estão no nível do discurso. Em outras palavras, a naturalização de ‘verdades’ como inquestionáveis e toda uma sofisticada produção discursiva que inferioriza esses grupos sociais ainda é vista nos dias atuais, motivos pelos quais há tantas pessoas que continuam nos dois ‘armários’.

Este artigo teve como objetivo analisar discursos de uma campanha sobre hiv, produzida pelo Ministério da Saúde, que envolvem participantes homens gays e que (con)vivem com hiv; compreender como essas identidades, ser gay e (con)viver com hiv, são representadas — isoladamente ou sobrepostas — nos discursos dos participantes; assim como discutir como os participantes reagem a essas identidades. Os resultados demonstram que as identidades dos participantes são representadas sobrepostas, ou seja, como discutido anteriormente, há uma inter-relação — social e histórica — entre ser gay e (con)viver com hiv. Também vimos que os participantes reagem a essas identidades com resistência, ressignificando os discursos estigmatizantes que foram (re)produzidos ao longo dos mais de 40 anos de epidemia do hiv/aids e que tentam associar e marginalizar as duas identidades sociais aqui analisadas.

Com relação à limitação do estudo é que foi identificado apenas duas categorias de identidade social. Para pesquisas futuras, sugiro questionar esses participantes a fim de investigar se há outras categorias de identidade social disponíveis para que haja a possibilidade de ampliação de análises interseccionais, contribuição com a literatura da área e com avanços na mitigação de injustiças sociais, como este estudo almejou fazer.

Referências

BRITO, F. L. C. B.; ROSA, J. M. *OS LEPROSOS DOS ANOS 80, CÂNCER GAY, CASTIGO DE DEUS*: homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990. *Revista Observatório*, Palmas, v. 4, n.1, p. 751-778, jan-mar. 2018.

BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. Nova York-London: Routledge, 2004.

CAETANO, M.; NASCIMENTO, C.; RODRIGUES, A. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT, in J. A. Green e t al. (orgs.), *História do movimento LGBT no Brasil*, São Paulo, Alameda, 2018.

COLLINS, P. H. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. Tradução: Bruna Barros, Jess Oliveira; orelha: Elaini Cristina Gonzaga da Silva. — 1. ed. — São Paulo: Boitempo, 2022.

CRENSHAW, K. A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

CRENSHAW, K. *Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color*". *Stanford Law Review*, vol. 43, pp. 1241-1299, 1991.

DEFERT, D. *Uma vida política: entrevistas com Philippe Artières e Eric Favereau com a colaboração de Josephine Gross*. Traduzido por Ernani Chaves. São Paulo, SP: N-1 edições, 2021.

FAIRCLOUGH, N. 2019. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.

FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2010.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GRUPO GAY DA BAHIA. *Relatório anual de mortes LGBT no Brasil*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2022.

LIMA, V. M. *A subversão pelos dejetos: o movimento queer interrogou o ideal de normalização que permitira a incorporação de parte da comunidade gay aos padrões estadunidenses*. *Revista Cult*. São Paulo: Editora Bregantini, ano 24, n. 270, jun. 2021, p. 19-23.

MOITA LOPES, L. P.; GONZALES, C. R.; MELO, G. C. V.; GUIMARÃES, T. F. *Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe social*. São Paulo: Parábola, 2022.

MOITA LOPES, L. P. Introdução: Linguística Aplicada Indisciplinar com base em uma ideologia linguística responsiva às teorizações queer, in: MOITA LOPES, L. P.; GONZALES, C. R.; MELO, G. C. V.; GUIMARÃES, T. F. *Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe social*. São Paulo: Parábola, 2022.

SONTAG, S. *Illness as Metaphor and AIDS as Its Metaphors*. Picador. USA. First edition, 2001.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradutor Rodolfo Ilari.— 1. Ed. 2ª reimpressão — São Paulo: Contexto, 2020.

The gay body living with HIV: discourses, intersections, and resistance

Abstract: This article aimed to analyze discourses from a campaign about HIV, produced by the Ministry of Health, involving gay male participants who live with HIV; understand how these identities, being gay and living with HIV, are represented – separately or overlapping – in the participants' discourses; as well as discussing how the participants react to these identities. To make this possible, the study was carried out following a qualitative research methodology and the data was discussed in light of the theoretical-methodological approach of Critical Discourse Analysis, queer studies, and intersectionality. The results demonstrate that the participants' identities are represented overlapping, that is, there is an interrelationship – social and historical – between being gay and living with HIV. It is also seen that the participants react to these identities with resistance, giving new meaning to the stigmatizing discourses that have been (re)produced over the more than 40 years of the HIV/AIDS epidemic and that attempt to associate and marginalize the two social identities analyzed here.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Queer studies. Gay. HIV. Interseccionalidade.

José Augusto Simões de Miranda,

Pesquisador de Pós-doutorado na área de Estudos de Gênero e Sexualidades (EGES) do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH-UFSC). Doutor e Mestre em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários (UFSC). Graduado em Letras - Português e Inglês (FURB). Desenvolve pesquisas na área de Linguística Aplicada, com ênfase em Estudos do Discurso na abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso; Estudos de Gênero e Sexualidades, com foco nos estudos queer e na teoria social crítica da interseccionalidade.

Recebido em: 27/03/2025

Aprovado em: 16/09/2025